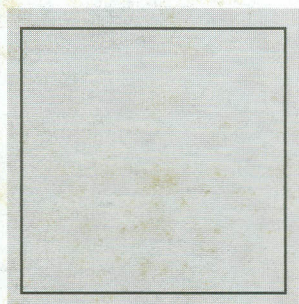
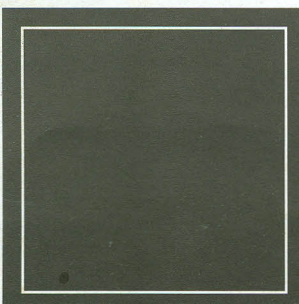
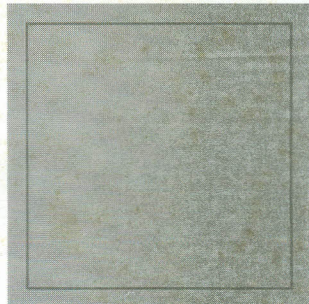
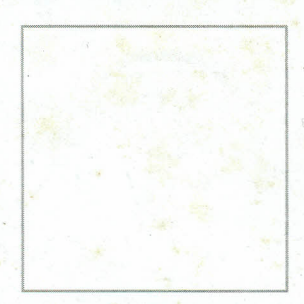
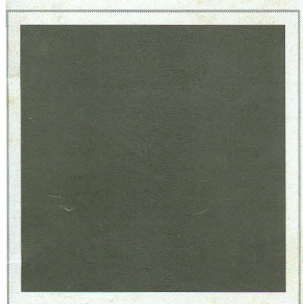
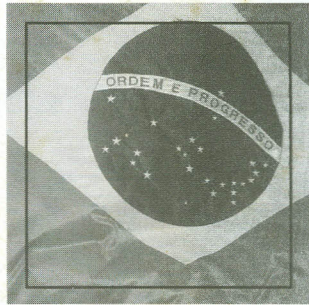
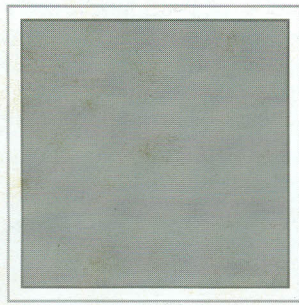
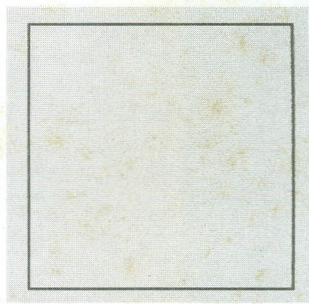
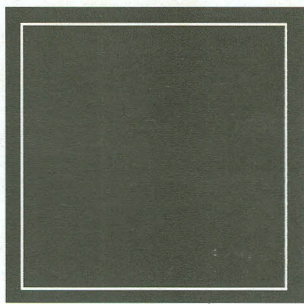
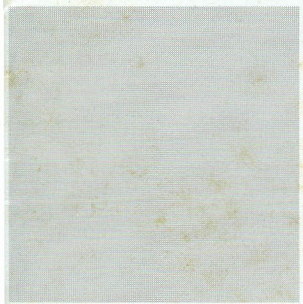
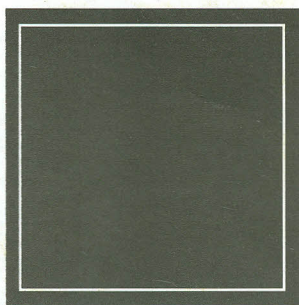
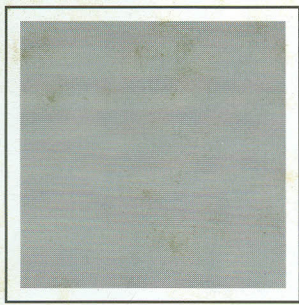
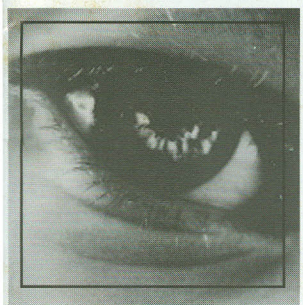


GRUPO NEGRO DA PUC



Editorial

“Resgatar nossa memória significa resgatarmos a nós mesmos do esquecimento, do nada e da negação, e reafirmarmos a nossa presença ativa na história pan-africana e na realidade universal dos seres humanos”.

Abdias do Nascimento

Como parte das comemorações dos 15 anos de existência da SOWETO - Organização Negra, decidimos escrever a trajetória do Grupo Negro da PUC-SP, onde a maioria dos nossos associados iniciou a militância no movimento negro.

Entre lembranças e conversas sobre a importância do grupo, localizamos nos arquivos pessoais, os três únicos boletins informativos publicados e recordamos as atividades, participações em eventos acadêmicos e políticos, análises de conjunturas, relacionamento do grupo com a universidade e com o movimento negro.

Os boletins são uma espécie de fanzine, datilografado na velha máquina de escrever, e foram ilustrados por artistas plásticos negros como Lucas e Mauricio Pestana que criaram a estética negra dos nossos boletins. A arte também fora uma forma de manifestar a indignação da juventude negra frente à sociedade racista e o desejo de transformar aquela realidade vivida.

A memória política da época registrada nos boletins retrata a realidade brasileira dos anos 80 através do olhar da juventude negra estudantil. Os artigos destacam fatos, eventos e as interpretações do grupo sobre a realidade e alguns serão apresentados na íntegra para que o leitor conheça ou até relembre a atuação política do Grupo Negro da PUC no momento histórico da época.



Sumário

04 O Nascimento

Um Núcleo de Resistência

A Ligação com a Periferia

06 A Conquista de um Lugar no Movimento Negro

07 A Participação Política

08 A Reflexão sobre a Realidade de Vida da População Negra

A Vida da Mulher Negra

A Vida da Criança Negra

11 De Objeto de Estudo ao Ensino e a Pesquisa

12 Furando o Cerco

13 Mais um guerreiro se foi, mas ficou a certeza de que a luta continua

14 Algumas Atividades Desenvolvidas dentro e fora da Universidade

15 Referências Bibliográficas e Siglas

O nascimento



"Um velho mundo está morrendo e um novo, chutando o ventre de sua mãe, o tempo, anuncia que está pronto para nascer. Este parto não será fácil e muitos de nós estamos condenados a descobrir que somos parteiras desajeitadas. Não importa, contanto que aceitemos a nossa responsabilidade para com o recém-nascido: a aceitação da responsabilidade contém a chave para a necessária evolução da prática".

Capa do Boletim nº 1 - Ano 1981

A história inicia em agosto de 1979 quando estudantes negros organizam um grupo de militância para combater o racismo e denominam de Grupo Negro da PUC. Os alunos estavam unidos pela compreensão de que havia uma luta a ser travada a favor dos direitos do negro no Brasil e o espaço universitário era estratégico nesta perspectiva.

A sede do grupo era uma sala junto às dependências do Instituto de Estudos Especiais da PUC de São Paulo, a princípio no corredor de ligação entre a Rua Monte Alegre e a Cardoso de Almeida e posteriormente na Rua Ministro de Godoy.

Os componentes do grupo tinham a percepção muito aguçada de sua condição de raça e classe e que eram poucos na universidade, um espaço privilegiado e distante da realidade da população negra, aonde representavam todos os que não conseguiram "furar o cerco", os marginalizados, os explorados, discriminados, desempregados, etc.

O editorial do Boletim I, divulgado em 1981, expressa tal compreensão:

"Quem somos nós?"

Ex-escravos, bancários, metalúrgicos, empregadas domésticas, prostitutas, "mulatas", vagabundos, marginais, assassinos e assassinados, ladrões?

Somos os macacos das comédias da zona sul. Somos os NÃO HÁ VAGA.

Somos o apartamento já foi alugado e depois a placa de ALUGA-SE, continua.

Somos o aqui não entra negro e o leão de chácara é negro.

Somos a contradição, da democracia racial vigente.

Somos os favelados, os nordestinos que "empestiaram" São Paulo.

Somos os lunáticos, os exóticos, os fantásticos, os ignorantes, os idiotas.

Somos a religião do demônio, somos o fim, a escuridão, a desgraça.

QUEM SOMOS NÓS?

Corruptos, marginais, frutos de quem?

Não somos nada? Ninguém?

Não dá para esconder, para ignorar, pois somos a contradição.

Porque somos os que incomodam, os que lembram, a sombra, a vergonha do branco, por 400 anos de exploração.

Somos hoje a fome, a saga, a sede de libertação que trouxemos dos nossos africanos, que os brancos sempre tentaram destruir. E hoje são obrigados a engolir nossa organização.

Somos a guerra, as revoltas, as guerrilhas, os heróis que ninguém sabe que SOMOS.

_ É melhor esconder, é melhor que ninguém saiba, senão eles podem tomar conta...

_ Afinal eles são a maioria...

_ Afinal eles têm parte no edifício que constroem, tem parte na escola, na sociedade.

- Eles podem se cansar de serem subalternos, cidadãos de terceira classe, cansar de serem discriminados, de serem analfabetos, de andarem mal trapilhos, eles podem querer uma vida digna, uma sociedade justa.

Só que nós sempre soubemos e hoje denunciamos.

QUEM SOMOS NÓS

Meia dúzia de universitários, por que?

UM Quilombo?

UM país?

UM Brasil?

Somos a maioria apesar de você não querer enxergar, NÃO QUERER SE ESPELHAR.

Somos tudo:

Esta terra que construímos,

A terra que plantamos,

O povo que reproduzimos,

O GRITO AFRICANO, que quer conduzir-se."

Um núcleo de resistência

Em outro artigo observamos que o Grupo Negro da PUC tinha uma posição crítica aos processos de cooptação da ideologia do embranquecimento, de sustentação do mito da democracia racial e estimulava no convívio dos estudantes negros universitários a valorização da luta do negro brasileiro por direitos:

“... A nossa preocupação inicial foi a de formar um núcleo de resistência cultural, que mantivesse, criasse e aumentasse a consciência negra, uma forma de luta contra o processo de embranquecimento que toda sociedade tenta nos impor, mormente a “elite cultural acadêmica”. Sabemos que na Universidade existe toda uma tendência para que os negros que a ela chegam, se acomodem ou se alienem de seus problemas, reflexo do processo de aculturação sofrido por todo o período escolar anterior. Semanticamente ele deixa de ser negro para passar a ser um “homem de cor”. Não busca uma via contestatória para impor a sua presença, sua identidade e chega a ponto de alienar-se totalmente de sua condição de negro, reforçando ainda mais a “democracia racial” – é um universitário negro. No entanto o fato de sermos poucos na Universidade demonstra o quanto é difícil o acesso do negro a educação. Hoje, ter acesso ao ensino significa, principalmente para os setores mais explorados da sociedade, ultrapassar todas as restrições impostas pelo sistema educacional... É necessário entendermos que o problema do negro possui sua especificidade (mesmo universitários

continuamos a ser negro), em torno do qual devemos estar organizados... É necessário que todos saibam que não é um diploma, seja ele qual for, que nos garantirá o direito a empregos, educação, moradia e alimentação dignas, ou que nos tirará o peso da discriminação social, econômica e política. Isso só é possível com nossa organização nas escolas, bairros, fábricas, em busca de uma autêntica democracia racial – nossa contribuição para o nascimento de um novo mundo”.

Ideologia do embranquecimento é a negação do ser negro na perspectiva de aproximação de um modelo biológico e social branco. (Souza, 1983)

O **mito da democracia racial** refere-se à crença de que a mistura racial gerou um povo que está acima de tudo, acima das suspeitas raciais e étnicas, um povo sem barreiras e sem preconceitos. Trata-se realmente de um mito, pois a mistura não produziu a declarada democracia racial, como demonstrado pelas inúmeras desigualdades sociais e raciais. Munanga (1996)

A Ligação com a Periferia

O Grupo Negro da PUC atuava na comunidade universitária, mas não se restringia a ela e também desenvolvia atividades sociais, políticas, culturais e recreativas com as organizações do movimento negro paulista e brasileiro. Uma atividade de solidariedade e denúncia realizada fora do espaço universitário aconteceu junto a uma família negra que foi discriminada em um bairro periférico de São Paulo:

“Em agosto de 1980 tivemos, talvez, a nossa mais importante atividade. Conforme denúncia feita por um programa de televisão, ficamos sabendo

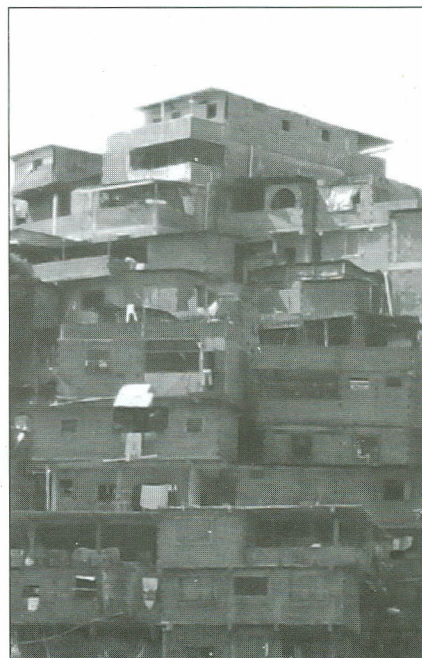
de agressões que uma família – Dona Gustavina e seu filho – residente no Jardim Joamar estavam sofrendo pelo fato de serem negros. Partimos para a confirmação da denúncia através de contatos com a agredida e com alguns de seus vizinhos e resolvemos mostrar que essa família não estava sozinha.

Juntamente com outros grupos – VISSUNGO da Casa Verde, representantes do GANA de Araraquara e do CONGADA de São Carlos fizemos uma atividade na casa de Dona Gustavina onde estiverem presentes vários negros do bairro e boa parte de

seus vizinhos.

Nessa atividade houve uma encenação teatral na rua apresentando a própria realidade em questão.

Os presentes debateram a situação de Dona Gustavina e a opressão do negro. Esse trabalho nos permitiu uma maior aproximação com negros de um bairro periférico e mais que isso, alguns negros daquele local passaram a se preocupar com sua organização e defesa de seus interesses, eliminamos ou mesmo reduzimos o estigma de grupos de universitários que apenas se preocupam com a periferia enquanto objeto de estudo.”



A conquista de um Lugar no Movimento Negro

O Boletim II, publicado em 1982, se posicionou favorável à luta geral do negro por emprego, educação e moradia para se implantar uma democracia substancial e ao papel estratégico dos movimentos sociais na construção de uma sociedade democrática. A luta contra o racismo ao lado dos movimentos sociais em defesa

das mulheres, dos homossexuais e dos trabalhadores em geral demonstra o início da concepção do direito à diferença. Eram os primeiros contornos da visão de que os trabalhadores brasileiros tinham condições sociais específicas de exploração e opressão num contexto onde imperavam apenas a compreensão da contradição entre capital e trabalho.

A classe trabalhadora tinha raça, sexo e opção sexual. Imbuídos dessa objetividade os componentes do grupo conquistam seu lugar no movimento negro paulista. Mais precisamente no ano de 1982 ainda como "parteiras desajeitadas" na incerteza da conjuntura de abertura política democrática apontam o imperativo da continuidade da luta.

GRUPO NEGRO DA PUC



boletim II

ano 1982

Capa do Boletim nº 2 - Ano 1982

"Nosso segundo boletim.

Nosso terceiro ano de existência.

Uma existência bastante difícil pelas barreiras encontradas e também pelas nossas debilidades.

Uma existência bastante difícil pelo impasse político porque passa o movimento social e dentro dele o movimento negro, no Brasil.

Pensamos até em acabar com o nosso Grupo, pois não tava dando pra segurar essa barra toda. Pensamos mais um pouco.

Pôxa! Os trabalhadores continuam lutando pelos seus direitos. Já falam até em Central Única dos Trabalhadores – e em um partido construído por eles próprios.

As mulheres, os homossexuais, os favelados e os oprimidos em geral continuam se organizando.

Surgem novas entidades e grupos preocupados com a questão racial.

A participação de nossa gente em nossos bailes e festas é cada vez maior.

A mulher negra começa a gritar mais alto contra a sua opressão.

O FECONEZU continua sendo realizado e os Encontros de Entidades também. Tudo isso, sintomas de que a tomada de consciência do negro em busca da sua libertação, devagar, vai aumentando.

CONCLUSÃO: *Resolvemos continuar lutando ao lado de todo esse pessoal e esse nosso segundo Boletim é o reflexo daquilo que estamos fazendo e de nossas posições frente a todas essas questões."*

Participação Política



“É imprescindível que fortaleçamos ainda mais os organismos que criamos nesses anos de luta; que os trabalhadores fortaleçam seus sindicatos e associações, que consigam criar a Central Única dos Trabalhadores - CUT; que nos bairros e nas escolas aumentemos a nossa participação e fortaleçamos nossas organizações.”

Os questionamentos da população negra diante do processo de abertura democrática eram debatidos principalmente nos momentos eleitorais. A íntegra do artigo revela uma postura política eleitoral do movimento negro paulistano.

“Para onde iremos nas eleições de 1982?”

Reinaldo de Barros, prefeito e candidato a governador paulista pelo PDS, ao entrar na Avenida Tiradentes nesse carnaval de 82 é vaiado pela multidão, em sua maioria negra, que assistia o desfile das Escolas de Samba de São Paulo.

No carnaval baiano, políticos financiavam Blocos e até Trio Elétricos (com nomes de prováveis candidatos) que desfilam pelas ruas de Salvador, uma das cidades de maior população negra no Brasil.

Estamos no ano eleitoral e os políticos, como não poderia deixar de ser, estão de olho no Voto Negro. Voto este que tende a ser mais consciente – por uma consciência maior da questão racial – que em anos anteriores.

PDS, PDT, PTB, PMDB e PT são os partidos políticos que irão participar nessas eleições e em função do avanço de nossa luta e organização, percebem que hoje somos uma importante força eleitoral (alguns afirmam que em São Paulo representamos 33% do eleitorado), e seus programas refletem uma preocupação com os temas a nós ligados.

Fica uma pergunta. Qual a posição dos negros frente a este quadro?

Pessoas ligadas aos partidos e que se identificam com a comunidade negra articulam chapas com candidatos negros.

Isso não basta.

É necessário que tenhamos claro que essas eleições não são a solução para os difíceis problemas do negro e de todos os setores explorados no Brasil.

Além de ocorrerem em meio aos casuísmos eleitorais, num momento em que inexistem a liberdade partidária, o direito de greve e a liberdade sindical para o trabalhador, onde a Lei de Segurança Nacional e todo aparato repressivo ainda está de pé, não são o único caminho que devemos trilhar em busca de melhores condições de vida para nós negros e demais setores explorados.

É imprescindível que fortaleçamos ainda mais os organismos que criamos nesses anos de luta; que os trabalhadores fortaleçam seus sindicatos e associações, que consigam criar a Central Única dos Trabalhadores - CUT; que nos bairros e nas escolas aumentemos a nossa participação e fortaleçamos nossas organizações.

É por isso que mesmo tendo um grande número de candidatos negros e que consigamos elegê-los, não estaremos resolvendo nossos problemas. Vamos votar sim. Mas não apenas pelo fato de um candidato ser negro.

Nosso voto deve ir ao encontro não só de um programa partidário como também de uma prática efetiva de luta contra a discriminação racial, econômica, política e sócio-cultural, da qual também somos vítimas. Prática essa que não tem se dado ao lado daqueles que tem governado nosso país e que são os principais responsáveis pela violência policial, pelo desemprego e pelas péssimas condições a que o negro é submetido.

É necessário que aproveitemos essas eleições para que a partir de 15 de novembro de 1982 o negro seja visto não como uma força eleitoral (a visão de quase todos os partidos atuais), mas como uma força política capaz de ao lado dos trabalhadores e oprimidos, mudar a direção e o destino de nosso país.

Para isto é necessário também um maior empenho de todos nós para que esse trabalho se efetive.”

A Reflexão sobre a Realidade de Vida da População Negra

GRUPO NEGRO DA PUC



boletim III

O editorial do Boletim III, última edição em 1984, chama atenção para a necessidade da REFLEXÃO sobre os rumos e perspectivas do movimento negro, uma constante preocupação do Grupo Negro da PUC. Por fim o editorial faz uma homenagem ao Olímpio, um dos componentes do Grupo, que partiu precocemente deixando muita saudade, boas recordações e o sonho de uma sociedade com a igualdade de direitos.

"Ao Leitor,

Há exatamente um ano os artigos desse boletim foram escritos.

Resolvemos publicá-los assim mesmo, pois a realidade do movimento negro é a mesma e faz com que os assuntos aqui abordados continuem atuais.

Foi pensando nessa realidade que fizemos um boletim cuja temática principal, é a REFLEXÃO sobre essa realidade.

Reflexão sobre os problemas da mulher negra, do nosso movimento, sobre nossas crianças, de nossa participação nos meios de comunicação, de nossos trabalhos.

Reflexão esta bastante presente nas idéias de um companheiro que infelizmente não está mais com a gente, o negrão Olímpio.

Vai aqui um recado:

Olímpio, as dificuldades de nosso trabalho continuam existindo, as "rasteiras" ainda impedem a unidade de nosso movimento, tem gente contra as diretas já, mas, o importante é que A LUTA CONTINUA. AXÉ".

A Vida da Mulher Negra

Já mais amadurecido, o Grupo Negro da PUC apontava várias reflexões, entre elas uma intitulada "E a mulher negra como anda?". Conhecê-la é importante, porque o tempo passou, mas para nós mulheres negras, a situação sócio econômica e cultural pouco se alterou, o que nos faz, portanto, continuar a lutar por nossos direitos de cidadãs, principalmente por salários dignos, saúde, e pela implementação das políticas educacionais.

"E A MULHER NEGRA COMO ANDA?"

Ainda nas cozinhas das madames, a lavar, passar semanalmente.

Ainda sambando nos palcos dos Sargentellis.

Ainda rebolando pras Rioturs, ainda dançando nas mãos dos homens negros e brancos.

Ainda na apatia social e cultural, marginalizada pelos valores e padrões de uma sociedade onde o bonito é o branco, sedoso são os cabelos compridos e loiros, sensual, são os lábios bem delineados e finos, atraentes são os corpos esguios e torneados, e o que passar disso é mero instrumento de

satisfação. Aqui todas as mulheres sofrem essa terrível sina, estão fora dos padrões, portanto condenadas ao anonimato. Por outro lado, o inverso também é verdadeiro, os homens brancos e negros compactuam suas posições de dominadores. O resultado é certo, a mulher branca dentro de um contexto de superação desses obstáculos, está em vantagem frente à negra.

Essa não é uma análise racista que reivindica a troca de posição e sim a uma necessidade que nós, mulheres, temos que compreender a situação de dominação e identificar os mecanismos existentes para nos expropriarem de feia, alta, homossexual, desquitada, etc.

Cabe a mulher negra pensar, analisar e compreender sua situação na sociedade brasileira.

Historicamente, se a dependência da mulher branca é produto de uma sociedade colonial patriarcal que a enclausurou dentro de casa. A mulher negra foi tornando coisa, objeto de consumo gratuito dos senhores escravocratas nas horas vagas e instrumento de produção no canavial, ao lado do homem negro.

O capitalismo não desviou a mulher do lar com o intuito de emancipá-la, e sim de explorá-la mais ferozmente. É nesse sentido que a mulher negra é hoje três vezes exploradas. Enquanto trabalhadora, mulher e negra. Esses três fatores conjugados reservam à mulher negra o mais baixo escalão social.

Do ponto de vista econômico, ela se encontra, como a maioria dos negros numa situação de mão-de-obra desqualificada, recebendo pequenos salários, e tendo que sustentar a casa, pois, suporta os salários miseráveis, o dia inteiro atrás das máquinas. Não é sustentada pelo pai ou marido, ela ganha seus próprios meios de sobrevivência e faz deles e do restante da família. Ao homem negro é tido como o pilar da família, uma fortaleza, que segura todas as barras; ao patrão branco é tida como a empregada dedicada, que realiza suas funções sem muita contestação, principalmente as funções que a mulher branca e o homem negro já desocuparam. Sua qualificação de mulher e negra a impede de competir em condição de igualdade. Em sua casa não possui os eletrodomésticos que precisaria para diminuir sua alienação com as tarefas domésticas, mas precisa de sua casa em ordem para segurar seus maridos. Como tem como padrão a vida da mulher branca, ela transforma-se numa máquina de resignação e coragem atrás de um trabalho que a possibilite ter o mínimo de conforto, aí o seu autoritarismo e conservadorismo. Para tanto, se presta a mais baixa qualificação.

Essas mulheres serão aquelas que com o passar do tempo serão as famosas nega veias, fortes, gordas, quituteiras, respeitadas embora altamente conservadoras. Foram precisos mais de cinquenta anos de dominação e resignação que no final da vida recebam respeito. Isso pelo homem negro, pois para a sociedade não passa de uma mulher negra que serve as funções domésticas. Será preciso que se esqueça de si mesma para no final da vida adquirir respeito enquanto pessoa?

Assumir os valores burgueses de moral, sofrimento, "falsa dignidade" abstenção do prazer, pobreza cultural, para ser considerada?

Não, isso não é liberdade.

Enquanto a mulher branca está caminhando para o questionamento de seu papel e posição no mundo, a mulher negra está indo em busca de formação e constituição de um lar, com todos os vícios e atrasos que a mulher branca vêm deixando. Isso quando ela não cai na degradação de si mesma, na prostituição de seu corpo, parcial ou integral. Quando não se torna um objeto de consumo fácil, fazendo a única coisa que sabe, rebolar.

Não vai aqui nenhum valor moral não. O samba, a ginga, a sensualidade é um dado cultural do negro, portanto ele existe naturalmente, e não deve ser prostituído em troca de migalhas do sistema, muito menos ser utilizada pela mulher enquanto instrumento de manutenção de um homem, para fins pequenos. Ela sabe e pode fazer muito mais que isso.

A mulher negra valendo apenas de seus dotes físicos ela apenas reforça os estereótipos que uma sociedade racista necessita para dominá-la melhor. Ela presta-se a objeto de consumo ao homem branco e negro.

De qualquer forma a mulher negra é só. Como não tem acesso à psicanálise resigna-se. Por que?

O homem negro que deveria estar ao lado da mulher negra, à medida que socialmente ambos são discriminados e marginalizados, na verdade também o homem negro está em vantagem em relação à mulher negra.

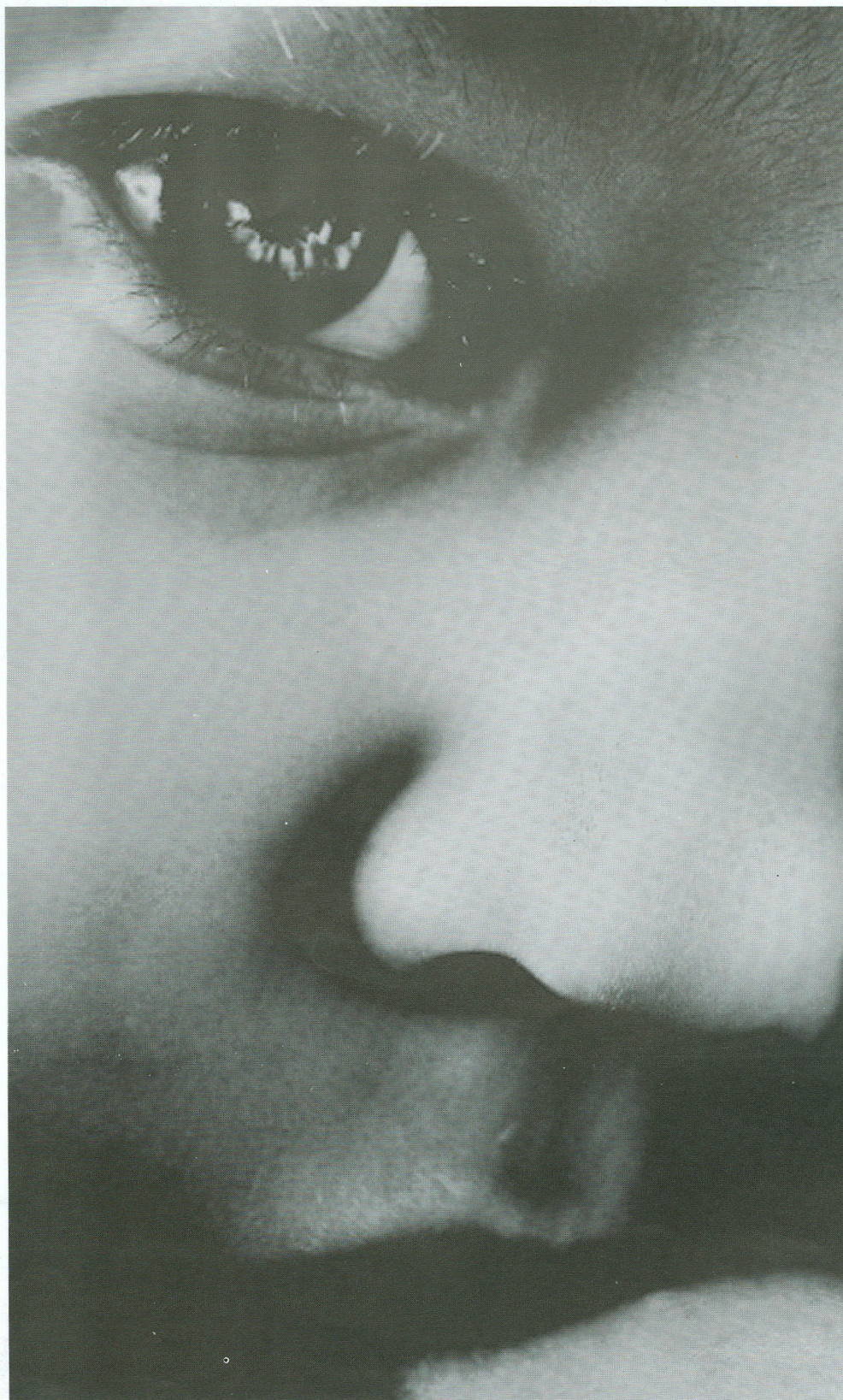
Bombardeados pelo mito da democracia racial, o homem negro assimila os valores da sociedade, e é o instrumento da miscigenação. Compartilha com o homem branco de sua condição de dominador e aí, interioriza um padrão de mulher que não é o da mulher negra.

Assim, a mulher negra também é marginalizada pelo homem negro. Toda essa situação favorece ainda mais a sua debilidade social e política. Ela se acentua no momento que a mulher negra não interioriza os avanços da sociedade na sua luta pela libertação da mulher.

Ela é carente de dados culturais que a possibilite questionar a situação em que se encontra e partir para uma ação mais consciente. De identificação de seu eu, de seu papel na sociedade."



A Vida da Criança Negra



Participar de debates em escola pública também era uma prática do Grupo Negro da PUC, principalmente nas datas mais significativas da luta da população negra por direitos. Os debates contribuíram, especialmente, para a elevação da auto-estima das crianças e jovens que cotidianamente enfrentam situações desagradáveis ao se depararem com conhecimentos distorcidos, linguagem hostil e pejorativa relativos à história do negro no Brasil e África.

A discriminação na escola se dá pelo fator da origem étnico-racial, por morarem em bairros periféricos, símbolo de pobreza e miséria e por estudarem em escolas públicas de má qualidade. A participação das crianças e jovens em debate é sempre muito animada, veja no artigo as dúvidas referentes às questões da identidade racial:

"NOSSAS CRIANÇAS

Por ocasião do dia 13 de maio de 1983, data em que supostamente a Princesa Isabel libertou o negro da escravidão e que o Movimento Negro no Brasil prefere considerar como o DIA NACIONAL DE DENUNCIA CONTRA O RACISMO, participamos de alguns debates em escolas de periferia de São Paulo.

Foram debates bastante ricos, pois pudemos avaliar como vai a cabeça das crianças que nos bancos escolares são atingidos por uma educação que procura negar a participação dos oprimidos, em particular do negro, no desenvolvimento e na história da sociedade brasileira.

Resolvemos socializar e publicar as perguntas a nós dirigidas por escrito, pelos alunos dos colégios Professor ROBERTO MONGE no Km. 15 da Raposo Tavares e Escola P.G. ROSA BONFIGLIOLI em

De Objeto de Estudo ao Ensino e a Pesquisa

Osasco. Elas são importantes, pois chamam nossa atenção para um trabalho que precisa ser feito junto à criança, negra ou branca.

-você acham que nos orfanatos têm mais negros? Por que?

-na minha classe tem uma menina que chamamos de fuscão preto

-por que falam que o preto é mais forte?

-o Pelé é preto mais jogava melhor que os brancos

-eu preferia ser preto do que branquelo azedo.

-posso dar uma opinião? Tem muitos brancos por aí que não põe os pés onde o negro põe. E eu acho que tem neguinho por aí que é mais bonito do que os brancos a pampinha mesmo. É só uma opinião. Obrigada.

-por que o branco xinga o preto de preto?

-qual é a situação do negro hoje?

-por que vocês não fazem uma propaganda mais ampla?

-por que existiu escravo?

-o senhor gosta de sua cor ou preferiria ser branco?

-os negros eram pagos pelo trabalho que realizavam?

-por que só os negros eram escravos?

-aqui no Brasil os negros tem os mesmos direitos do que os brancos em todas as partes do Brasil?

-por que hoje os negros não têm raiva dos brancos?

-o que representa a Princesa Isabel?

-existe gente de cor branca no movimento negro?

-você acham que uma negra ou uma branca consegue um emprego de secretária?

-alguém já te chamou de negro safado e o que você sentiu?

-quais são as pessoas que queriam a libertação dos negros depois da Princesa Isabel?

-por que a Princesa Isabel assinou a lei áurea? Por que era boa ou por que queria ficar famosa?

-por que você se acha negra?

-por que a maioria dos negros é marginal?

-qual o significado de quilombolas?

-existe algum negro bicha?

-eu queria saber se o negro vive com o índio na África.

-no período de escravidão, no Brasil havia muito mais negros do que brancos. Por que eles demoraram tanto para iniciar seus movimentos de rebelião?

-eu queria saber de onde se originou a capoeira.

-por que as pessoas brancas gostam de chamar negro de negrinho ou negrão?

-o que significa a história do Brasil para vocês?

-só os negros que trabalham e os brancos?

-se por um exemplo um preto e um branco fosse pedir emprego numa fábrica de luxo aqui qual o dono aceitaria?

-esse dia é importante para vocês?

-alguém já falou para você ainda bem que a princesa assinou a lápis?

-como você se sente sendo negro?

-há racismo no Brasil? Como ele aparece?

-você se acham diferentes dos outros?

-por que pensam que os negros são otimistas?

-por que os negros vieram para cá sabendo que iam ser escravos?

-há mais preto rico ou preto pobre?

-além da sua cor, você se acha diferente do branco?

-por que todo negro samba e branco não?

É uma pena que o papel esteja tão caro e não tenha dado para publicarmos todas as perguntas. Foi uma experiência bastante interessante e que estamos dispostos a continuar. Se em teu colégio alguém estiver interessado em debater com a gente ou saber alguma coisa de nosso movimento, entre em contato conosco."

Cabe lembrar que o interesse pela pesquisa acadêmica e de constituir um Instituto de Pesquisa sobre o negro sempre estiveram presentes nas proposições do grupo junto à reitoria da universidade. Esse objetivo não foi atingido, muito embora, por acordo da universidade com o professor Abdias Nascimento foi criado um instituto de pesquisa, o IPEAFRO com uma existência curta.

A idéia do ensino e pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo Negro da PUC nos cursos de extensão universitária realizados com o apoio da Faculdade de Ciências Sociais. Essa nova linha de ensino e pesquisa, a partir de então, recebeu apoio gradativo dos professores da PUC como Octavio Ianni, Mauricio Tractenberg, Gabriel Priori Neto, Edgard Assis Carvalho, Neusa Gusmão, Josildete Consorte, Antonio Queiroz e outros, os quais não só apoiaram como contribuíram com suas reflexões para essa nova linha de pesquisa. Há que lembrar da participação de docentes de outras universidades como o professor Carlos Hasenbalg, Jaime Pinsky, Mário José Maestri, Ilana Blaj, Célia M. Marinho, Maria Helena Machado, entre outros.

O empenho de todos os professores e militantes foi importante, porém não suficiente para consolidar um quadro institucional da pesquisa científica no campo das relações raciais. Essa ainda é uma tarefa para as novas gerações de estudantes negros.

Furando o Cerco

Bem, procurou-se mostrar até aqui, alguns artigos dos boletins representativos do pensamento que pautou as ações e a militância do Grupo Negro da PUC até o ano de 1988. A última atuação do grupo foi no dia 13 de Maio de 88, na passeata de protesto as comemorações oficiais do Centenário da Abolição. As fotos das faixas carregadas ao longo do percurso que saiu da Praça Princesa Isabel rumo ao Largo do Paissandu demonstram protestos e guarda, especialmente, a lembrança de um slogan "Sem anos de abolição" de autoria do escritor Arnaldo Xavier (em memória).

Na fase final das atividades alguns componentes do grupo se propuseram a continuar "furando cerco" no mestrado e doutorado e investir no campo da pesquisa acadêmica. Maria Inês da Silva Barbosa foi pioneira e abriu passagem para Gevanilda Santos, Álvaro Roberto Pires, Deborah Santos, Maria José P. Santos (Majo), Ben-Hur Ferreira, Roseli de Oliveira, Suelma Inês Alves de Deus e tantos outros.

O registro da memória e história do Grupo negro da PUC faz pensar aspectos importantes da juventude universitária dos anos 80. Avaliando os dez anos de atuação são inegáveis as conquistas, ainda tímidas, que repercutiram em pequenas mudanças no convívio das relações sócio raciais. O espaço físico da PUC, por exemplo, sempre esteve aberto para a realização das atividades do grupo, porém, tudo era feito "na raça", pois

não se contava com apoio financeiro de nenhum órgão. Hoje, já existe uma maior sensibilidade da instituição, PUC, diante das reivindicações do movimento negro estudantil e dos alunos africanos e indígenas que freqüentam os bancos universitários.

Amilitância negra estudantil contribuiu para criação de novas possibilidades profissionais no campo das relações raciais. Dos trabalhos de conclusão de cursos de graduação, os chamados TCCs, que passaram a pesquisar a realidade do negro dentro e fora da universidade, surgiram habilidades profissionais para o combate ao racismo no campo do direito, da educação, da história, da sociologia, do serviço social, da psicologia e outros. Abrindo assim possibilidades para os estudantes negros inovarem na escolha dos temas, uma vez que optaram por serem pesquisadores da sua própria realidade. Inicia-se no campo da pesquisa, da graduação aos programas de pós-graduação, uma releitura do papel do sujeito e do objeto do conhecimento na produção acadêmica. Percebemos que a PUC está sempre aberta para atividades anti-racistas, porém muito ainda pode avançar no sentido de criar um espaço institucional legítimo de pesquisa e reflexão dos assuntos pertinentes as questões étnico-raciais. Foi assim que o Grupo Negro da PUC abriu espaço público universitário para os interesses da população negra.

Para finalizar dedicamos essa revista a Emilson André Jacinto, o Chico Rei (em memória) um dos fundadores do Grupo Negro da PUC e registramos

a presença de todos os que em algum momento passaram pelo grupo: Adriana, Alva Helena, Álvaro, Arruda, Antonio Mário, Armando Tobias Aguiar, Benedito Tomé, Benhur, César Nascimento, Cleide, Carlão, Deborah, Edinho, Edna Muniz, Flávio Jorge, João Baptista Félix, Jonas, Joel, José Eduardo, Júnior, Lucinha, Lumumba, Maria do Carmo, Maria Inês, Mário, Mauricio Pestana, Mestre Pessoa, Nádia, Roseli, Sandra, Tião, Valter Silvério, Zé Pretu e outras e outros... Uns ficaram por mais tempo outros nem tanto, mas a contribuição foi igualmente importante para a construção dessa história. Nossa sincera homenagem.



Passeata de protesto as comemorações oficiais do Centenário da Abolição - 13 de Maio de 1988

Mais um guerreiro se foi, mas ficou a certeza de que a luta continua

Ao fechar a edição desta revista soubemos que mais um guerreiro se foi...

O velho militante do Movimento e da Imprensa Negra brasileira, Henrique Antunes Cunha, faleceu no dia 05 de dezembro de 2006 e deixou na memória dos militantes do Grupo Negro da PUC muita história vivenciada desde a década de 30.

Nos anos 80 o velho militante esteve algumas tardes de sábado proseando conosco, lembrando histórias do Movimento Negro paulista e nos ensinou que a luta continua com a força dos nossos ancestrais.

A nossa sincera homenagem a Henrique Antunes Cunha (1908 -2006).

Algumas Atividades Desenvolvidas dentro e fora da Universidade

- Em 14/11/79 Roda de Samba no Salão Beta da PUC, com a presença de Beth Carvalho, Clementina de Jesus e vários sambistas de São Paulo e Rio de Janeiro.
- Recepção de Calouros PUC/1980, realização do debate "Mercado de Trabalho para o Universitário Negro".
- 17/04/80, realização de uma noite cultural "Na pele da Noite", na PUC, com artistas plásticos negros, comidas africanas, reggae, soul, samba, capoeira, comemorando, ainda, a independência de ZIMBABWE.
- Participação na organização de um ato público realizado pelo Movimento Negro em defesa dos direitos da comunidade negra Rio-clarense, na cidade de Rio Claro em 04/10/80.
- Roda de Samba com a escola de samba VAI-VAI com o Diretório Central de Estudantes(DCE) e Centros Acadêmicos da PUC, encerrando o semestre de 1980.
- Participação na Campanha Nacional Contra a Violência Policial, em 1980
- Participação no III Festival Comunitário Negro Zumbi – FECONEZU em 1980.
- Participação da semana Jurídica do 22 de Agosto, debatendo o tema "Sociedade Agressiva". Em 1981
- I Encontro em defesa da Raça Negra realizado na PUC São Paulo em 1981
- Ato Público de denuncia contra o racismo no dia 13 de Maio de 1982 ao lado do MNU SP e Comissão de Negros do Partido dos Trabalhadores.
- A participação de atividades em salas de aula (discussões, debates, trabalhos) promovidas pelo ciclo básico da PUC/SP (de agosto a novembro de 82)
- II Encontro Estadual das Entidades Negras realizado no Instituto Metodista de Ensino Superior, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, em junho de 1982, que dentre suas atividades homenageou Henrique Cunha.
- Participação no V Feconezu realizado na cidade de Piracicaba, SP em novembro de 1982.
- Participação em Ato Público contra o Apartheid na PUCSP, junho de 1982.
- Participação no Encontro Nacional Afro Brasileiro, Rio de Janeiro, CEAO, 1982.
- Participação no III Congresso de Cultura Negra das Américas realizado na PUC São Paulo em agosto de 1982 sob a coordenação do Professor Abdias do Nascimento e organizado pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-brasileiros – IPEAFRO.
- Participação no Baile do Burro Negro, Casa da Cultura Brasileira, São Paulo, 1982.
- Debate A Mulher Negra e a libertação política do Negro, São Bernardo do Campo, 1982.
- Participação no VI FECONEZU realizado na cidade de São José dos Campos, em novembro de 1983.
- Participação na Semana do Calouro da PUC com a projeção do filme "O NEGRO DA SENZALA AO SOUL", São Paulo, março de 1983.
- Participação no Ato Publico de 1 Maio - Dia do Trabalhador, São Bernardo do Campo, maio de 1983.
- Participação no Ato Publico de 13 de Maio Dia Nacional de Denuncia contra o Racismo, São Paulo, maio de 1983.
- Participação na fundação do Bloco Afro Carnavalesco "ALAFIÁ" no ano de 1983.
- Participação no XI Congresso Brasileiro de Comunicação Social da UCBC, São Paulo, novembro de 1984.
- Participação nas atividades do Centenário da Abolição, em 1988.

Referências Bibliográficas

Boletim nº I GRUPO NEGRO DA PUC, São Paulo, 1981.
Boletim nº II GRUPO NEGRO DA PUC, São Paulo, 1982.
Boletim nº III GRUPO NEGRO DA PUC, São Paulo, 1984.
MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In Schwarcz, L.M. e QUEIROZ, R. S. Raça e Diversidade, São Paulo, Edusp, USP, 1996.
SOUZA, N. S. Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em ascensão social, Rio de Janeiro, Edição GRAAL, 1983.

Siglas

CEAO: Centro de Estudos Afro - Orientais
CONEN: Coordenação Nacional de Entidades Negras;
DCE: Diretório Central de Estudantes
FECONEZU: Festival Comunitário Negro Zumbi
FMU: Faculdade Metropolitana Unidas
IPEAFRO: Instituto de Pesquisa e Estudo Afro - Brasileiro
MNU: Movimento Negro Unificado
PDS: Partido Democrático Social
PDT: Partido Democrático Trabalhista
PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT: Partido dos Trabalhadores
PTB: Partido Trabalhista Brasileiro
PUC - SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCC: Trabalho de Conclusão de Curso
UCBC: União Cristã Brasileira de Comunicação Social
UNICID: Universidade da Cidade de São Paulo
USP: Universidade de São Paulo
FAPSS - SC: Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul



GRUPO NEGRO DA PUC

A revista Memória e História do Grupo Negro da PUC produzida no ano de 2006 e impressa em 2008, é uma publicação de Edições Soweto, um dos instrumentos de comunicação da SOWETO Organização Negra, filiada a Coordenação Nacional de Entidades Negras - CONEN.

Endereço:

Rua Silveira Martins, 131, sala 22
CEP 01019 - 000
São Paulo/SP - Brasil
Tel: (11) 3242 6208
Site: www.soweto.com.br
Endereço eletrônico:
sowetoorganizacao@hotmail.com

Diretoria atual da SOWETO Organização Negra:

- Presidenta: Maria José Pereira
- Vice - Presidenta: Suelma Inês Alves de Deus,
- Tesoureira: Gevanilda Gomes dos Santos
- Secretário Geral: Oswaldo Rafael Pinto Filho

Colaboradoras desta edição:

- Gevanilda Santos, mestre em Sociologia Política pela PUCSP;
- Maria José P. Santos (Majô), mestre em Psicologia Social pela PUCSP, Assistente Social do Centro de Saúde Escola do Butantã/FMUSP;
- Suelma Inês Alves de Deus, mestre em Gerontologia Social pela PUCSP, Professora Universitária da Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul - FAPSS- SC.

Jornalista responsável:

Rosângela Borges, MTB 21309

Ilustrações:

Lucas e Maurício Pestana

Projeto Gráfico e Diagramação:

Marina Jorge

Impressão e fotolito:

RWC Artes Gráficas Ltda

Tiragem:

2000 exemplares

